

PERFIL PSICOSSOCIAL E DE SAÚDE DE POLICIAIS MILITARES EM SITUAÇÃO DE APOSENTADORIA¹

Eliane Ferreira Carvalho Banhato*

Laís Sampaio Larivoir**

Larissa Carvalho de Assis***

RESUMO

Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPAs) têm a finalidade de preparar trabalhadores e desmitificar preconceitos atribuídos a esse momento de ruptura profissional. Neste trabalho, objetivou-se descrever o perfil e as expectativas de militares sobre o PPA. 50 policiais de ambos os sexos, divididos em dois grupos, participantes e não participantes do PPA, responderam a uma entrevista semiestruturada e teste de rastreio para sintomas depressivos. Análises uni e bivariadas foram obtidas a partir do software SPSS. O perfil encontrado foi ser homem de meia-idade (M= 48,20; DP= 2,33anos), casado, Ensino Médio completo e tempo de serviço de 28,20 anos (DP=1,03). A maioria revelou boa saúde, com 52% realizando algum tipo de atividade física. Doença crônica foi encontrada em 10%, sendo a hipertensão a mais prevalente (32%). Diabetes mellitus foi significativamente mais encontrada entre os não participantes (p= 0, 037). Consultas e exames preventivos foram relatados por quase 70%. Entre as expectativas positivas, identificaram-se a maior disponibilidade de envolvimento com o parceiro e os amigos e a busca por atividades de lazer. Investimento na educação e na religião foi relatado por 41,2% e 49%, respectivamente. Eventos negativos estiveram relacionados à tristeza de abandonar os amigos de trabalho (16%) e a instituição (20% da amostra). No âmbito pessoal, há preocupação com a proximidade da velhice (28%) e o senso de inutilidade (4%). Os PPAs foram avaliados positivamente (96%) enquanto promotores da aquisição de conhecimento e, por isso, devem ser mais incentivados como ferramenta de reflexão para os que se preparam para a aposentadoria.

Palavras-chave: Programa de preparação para aposentadoria. Policiais militares. Perfil psicossocial.

¹ Artigo recebido em 2 de março de 2015 e aprovado em 19 de maio de 2015.

* Docente do CESJF, Doutora em Saúde UFJF. @: ebanhato@gmail.com

** Graduanda em Psicologia CESJF. @: lais.larivoir@hotmail.com

*** Graduanda em Psicologia CESJF. @: larissa.assis.jf@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é a principal atividade do homem, norteando não apenas a organização de sua vida social, mas também sua dimensão psicológica (ZANELLI; SILVA, 1996). Por meio dele, o indivíduo reconfigura a percepção de si mesmo e do seu ambiente, possibilitando o seu desenvolvimento pessoal (BOTH; KUJAWA; WOBETO; SAVARIS 2012).

A inatividade, por sua vez, pode desencadear um conflito entre o sentir-se produtivo e capaz e o estigma da não ação configurando-se como uma ameaça ao equilíbrio psicológico (RODRIGUES; AYABE; LUNARDELLI; CANÊO, 2005). Em qualquer área de atuação, a formação e o exercício laboral exigem dedicação e compromisso dos profissionais. Particularmente entre os policiais militares, o grau de exigência pode ser maior, uma vez que essa profissão é fundamentada em regulamentos e normas rígidas de dedicação à defesa da comunidade, muitas vezes exigindo o risco da própria vida no trabalho. A perda desse papel social, quando da aproximação da aposentadoria, pode acarretar estresse e sensação de inutilidade, principalmente se esse desligamento ocorrer de forma abrupta e sem preparação (TSUTSUI, 2009).

Segundo Costa e Soares (2009), na sociedade capitalista, o aposentar-se tende a vir acompanhado por valores negativos como a inutilidade, a incapacidade para a manutenção do sistema produtivo e o sentir-se velho. Isso é verdade, principalmente, quando a aposentadoria ocorre de modo abrupto, sem qualquer planejamento.

Um agravante na discussão dessa temática refere-se ao fato de ela estar associada ao envelhecimento humano. O Brasil, semelhante a diversos países do mundo, vivencia atualmente o fenômeno da transição demográfica (TIBULO; CARLI; DULLIUS, 2012). Fatores como a evolução da medicina, os investimentos em saneamento básico, a melhoria das condições de habitação, o desenvolvimento da agricultura e a industrialização mais intensa, fizeram com que houvesse uma queda considerável nos índices da mortalidade e um aumento da expectativa de vida brasileira que, em 2004, era de 71,4 anos (IBGE, 2010). Além disso, a população mais velha tem procurado manter-se ativa, produtiva e empregada, tanto por necessidade financeira, quanto pela manutenção do significado mais complexo associado ao trabalho (DUARTE; MELO-SILVA, 2009).

De acordo com Silva (2009), para que se possa desfrutar positivamente da aposentadoria, é necessário que se prepare para ela. No entanto, é grande o número de trabalhadores que não consideram o fato de que, ao se aposentarem, não saberão como

gerenciar a situação, seja por não saberem como utilizar o tempo livre ou por uma possível queda na renda familiar ou ainda pelas mudanças na relação com a família ou perda de *status*, por exemplo (LOPES, 2010). Além disso, a expectativa de afastamento, ou o parar de trabalhar, está diretamente relacionado a sentimentos de finitude, de fim da vida.

É nesse contexto que a aposentadoria vem se configurando como um tema relevante, despertando a atenção de órgãos públicos e sociais preocupados com a qualidade de vida dessa nova categoria de cidadãos: os adultos maduros e os idosos (DUARTE; MELO-SILVA, 2009). Mas a adaptação ao processo de aposentadoria é heterogênea, ou seja, os indivíduos se ajustam de formas distintas. Uns podem apresentar aumento na qualidade de vida, outros não; e até a estabilidade com a vida de forma geral e com os familiares é diferenciada (GARCÍA; RUIZ, 2000).

Vários fatores parecem interferir na forma como o indivíduo percebe a aposentadoria. Estudo de Wang, Henkens e Van Solinge (2011) identificou indícios de que as perdas em saúde física, a perda do parceiro no período de transição, a presença de filhos dependentes financeiramente, o fato de ter que se aposentar mais cedo do que o esperado e ter que se aposentar devido às condições de saúde afetam negativamente essa adaptação. Por outro lado, apresentar boa saúde física e mental, escolher o momento e/ou planejar a aposentadoria, usufruir de uma boa condição financeira, engajar-se em trabalhos voluntários, ou mesmo formal e em lazer, ter uma boa relação com o parceiro, estar insatisfeito ou desempregado antes da aposentadoria são condições que contribuem para um maior ajustamento após a aposentadoria. Oliveira, Torres e ALBUQUERQUE (2009), estudando 110 homens aposentados de cargos públicos, revelaram que o bem-estar após a aposentadoria estava relacionado ao planejamento desse momento, à satisfação com a saúde, às relações sociais, aos bens de consumo, como carro próprio e a boa localização de suas moradias.

Cabe não só ao governo, mas também às empresas empregadoras o estabelecimento de políticas e projetos que abranjam a população que se prepara para a aposentadoria. No campo governamental, várias ações têm sido implementadas visando ao segmento idoso da população. Exemplos são a Política Nacional do Idoso - Lei 8.842/1994 (BRASIL, 1994) - e o Estatuto do Idoso - Lei 10.741/2003 (BRASIL, 2003). Além delas, medidas de proteção e garantia de direitos dos idosos, mesmo que ainda de forma incipiente, têm sido criadas (RODRIGUES; AYABE; LUNARDELLI; CANÊO, 2005).

No âmbito empresarial, percebe-se, na atualidade, a preocupação de propiciar aos

colaboradores uma visão de futuro de forma planejada, informando sobre os aspectos positivos da aposentadoria de modo que o indivíduo sinta-se motivado e comprometido na elaboração de seu projeto de vida futuro (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009 apud FRANÇA; MENEZES; BENDASSOLLI; MACEDO, 2013). Para isso, os Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPAs), coordenados e orientados por profissionais da Psicologia do Trabalho, vêm sendo implementados de forma crescente nas organizações (MUNIZ, 1996). Por meio de palestras, seminários e debates, os PPAs podem ser um método capaz de ajudar as pessoas a se redescobrirem e se harmonizarem para essa fase. Assim, o aposentado deixará de ser visto como uma pessoa senil, ultrapassada e improdutiva. Enfim, a ideia é adequar o trabalhador à futura condição de inativo, tornando-se apto a administrar a perda do convívio com os amigos do trabalho (LOPES, 2010).

Ainda que se perceba que os PPAs possam se constituir em uma ferramenta valiosa que auxilia o trabalhador na preparação de sua aposentadoria, na manutenção de sua qualidade de vida e de sua saúde mental, ainda são poucas as empresas que promovem tal iniciativa. Desse modo, o presente estudo objetivou investigar o perfil psicossocial e de saúde de policiais militares diante da situação de aposentadoria, bem como conhecer as expectativas apresentadas frente a esse fenômeno.

2 MÉTODO

O presente estudo teve delineamento de corte transversal, ou seja, observado em um único ponto no tempo e caráter descritivo. Foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES-JF, sob protocolo número 696.054. Os dados foram coletados na 4ª Região da Polícia Militar em Juiz de Fora (MG), no período compreendido entre julho e setembro de 2014. Foram critérios de inclusão no estudo: a) estar a pelo menos três anos de se aposentar ou que tenha se aposentado e retornado ao trabalho; b) apresentar condições físicas e psicológicas de responder à entrevista e; c) aceitar participar do estudo mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O programa de preparação para a reserva (PPR) da Polícia Militar de Minas Gerais teve início, no município de Juiz de Fora, no ano de 1999. Em 2014 foi normatizado pela Resolução nº 4308 (RESOLUÇÃO..., 2014). Conforme o Artigo 7º da citada Resolução,

tem-se que a primeira reunião é de caráter obrigatório para todos os militares com mais de vinte e sete anos de efetivo serviço. E a partir dessa reunião inicial, eles estão aptos a decidir se querem ou não participar do Programa de Preparação para a Reserva.

O programa é realizado ao longo de um ano, com um encontro a cada mês, sendo as atividades desenvolvidas divididas em duas etapas: na primeira fase, com duração de quatro meses, é realizado um ciclo de palestras sobre assuntos de interesse dos militares em que se abordam temas que envolvam aspectos: sociais, familiares, saúde, lazer, financeiro, legais e de projetos pessoais. Já no segundo momento, com duração de oito meses, é realizado um ciclo de dinâmicas e grupos de debate sobre filmes. Até o presente momento, cerca de 300 policiais já passaram pelo programa, apresentando uma taxa de adesão em torno de 60%.

Participantes

A amostra foi constituída por 50 policiais militares de ambos os sexos que responderam a uma entrevista semiestruturada contendo dados sociodemográficos, *status* psicossocial, doenças crônicas e questões relativas às expectativas desses trabalhadores frente à passagem para a reserva. Os participantes foram divididos em dois grupos: Grupo 1 (G1) formado por militares que participaram do Programa de Preparação para a Reserva (PPR) e Grupo 2 (G2) formado por militares que não participaram do Programa de Preparação para a Reserva.

Procedimentos e instrumentos

Inicialmente os pesquisadores contataram a instituição solicitando permissão para a realização da pesquisa. Após resposta positiva sobre o interesse da mesma em participar do estudo, formalizou-se a parceria por meio de uma carta convite do CES-JF para o Coronel comandante da instituição.

Contatou-se a população de interesse durante a realização das palestras do Programa de Preparação para a Aposentadoria, e o contato com os militares que não participavam do programa ocorreu através de contato telefônico com aqueles que constavam na listagem fornecida pela instituição. Após as explicações sobre os objetivos do estudo, todos foram convidados a participar. Os que aceitaram participar assinaram o TCLE e, em seguida, responderam à entrevista, que teve duração média de 15 minutos.

As variáveis sociodemográficas (gênero, idade, escolaridade, atividade física), o perfil de doenças físicas, as expectativas frente à aposentadoria e os aspectos positivos e negativos de se aposentar foram obtidos por autorrelato mediante a aplicação de uma entrevista semiestruturada. Para rastrear a depressão, utilizou-se o PHQ -2 (Questionário de Saúde do Paciente – escala composta por dois itens) (GILBODY; RICHARDS; BREALEY; HWEITT, 2007), validada no Brasil por Meneses-Gaya (2011). Ambos os itens são classificados em uma escala Likert de 0-3 pontos, em que o corte de três indica a presença de sintomas depressivos. A autopercepção da saúde foi obtida por meio de atribuição de nota entre 0 (muito ruim) e 10 (excelente) para a própria saúde.

Análises dos dados

Os dados foram registrados pela equipe do estudo em formulários de papel e, mais tarde, inseridos no banco de dados e analisados pelo programa estatístico SPSS.

A análise estatística foi desenvolvida em duas etapas: univariada e bivariada. Na análise univariada, foi realizada a estatística descritiva para a caracterização da amostra, através da média e do desvio-padrão (variáveis quantitativas) e das frequências absolutas e relativas (variáveis qualitativas). Na análise bivariada, utilizou-se o teste do Qui-Quadrado (χ^2) para testar associação entre as variáveis. Utilizou-se o intervalo de confiança de 95%.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade média da amostra estudada foi de 48,20 (DP= 2,33) anos e a maioria era formada por indivíduos do sexo masculino (88%) e casados (88%). O nível de escolaridade predominante foi o Ensino Médio completo (E.M), que fez um total de 48% e a média de tempo de serviço foi 28,20 (DP= 1,03) anos. A Tabela 1 descreve o perfil sociodemográfico da amostra total e por grupos.

Tabela 1: Perfil Sociodemográfico dos policiais militares participantes do estudo

	Total (n=50)	G1	G2
Idade (média)	48,20 (DP=2,33)	48,76 (1,33)	48,72 (DP=0,20)
Homens	88%	80%	96%
<i>Escolaridade</i>			
Abaixo E.M	26%	24%	28%
E.M. completo	48%	40%	56%
Acima E.M.	26%	36%	16%
<i>Estado Civil</i>			
Casados/ união estável	88%	88%	88%
Tempo de serviço (média)	28,20 (DP=1,03)	28,72 (0,68)	27,68 (DP=1,07)

Legenda: DP= desvio padrão

Quanto à preparação para a reserva, a busca de conhecimento sobre o processo de aposentadoria foi relatada por todos os participantes, sendo que 80% relataram conversar sobre o tema tanto com os colegas quanto com familiares. Ainda que nem todos tenham participado efetivamente do programa, a percepção da importância dos PPRs como forma de adquirir mais conhecimento foi relatada por 96% dos participantes. Contrário a esses achados, os estudos de Tsutsui (2009) também em policiais militares detectaram que 85% dos indivíduos desconheciam como se dava o processo de transferência para a reserva remunerada devido à inexistência de uma cultura dentro da instituição pesquisada em efetivar um programa preparatório para policiais militares.

A investigação do perfil de doenças crônicas presentes nos militares em situação de reserva constatou que a hipertensão foi a patologia mais prevalente (32%). A artrose esteve presente em 10% dos casos, o diabetes mellitus em 8% e as doenças cardíacas em 6%. A prevalência de diabetes mellitus foi significativamente maior no G2 ($p= 0,037$), o que pode ser decorrente da menor preocupação com a saúde e menos controle alimentar. Problemas visuais e auditivos, normativos para a idade, foram percebidos em 52% e 14%, respectivamente. No que se refere à saúde psicológica, 18% apresentaram sintomas depressivos.

Dentre as medidas que favorecem uma vida saudável, identificou-se que 52% dos entrevistados praticavam alguma atividade física e 26% faziam controle alimentar. Exames preventivos rotineiros e consultas médicas regulares foram apontados por 66% e

62%, respectivamente. Não foram identificadas diferenças significantes entre os G1 e G2. No entanto, 8% do G2 não se preocupavam em cuidar da saúde, enquanto que no G1 o percentual foi de 4%. Segundo Barisch (2006), a capacidade para o trabalho é resultante da boa saúde física. O autor relaciona essa característica ao fato de que a garantia para a permanência no serviço ativo, para o profissional militar, associa-se ao ótimo estado de saúde física e psicológica atestado pela realização periódica de exames médicos e testes de avaliação do condicionamento físico, o que corrobora os nossos resultados.

Quanto à autopercepção da saúde, verificou-se uma avaliação positiva, com média de 8,44 (DP=1,30) pontos para a saúde física, 9,04 (DP= 1,20) pontos para a saúde mental e 8,32 (DP= 1,44) para a memória. A autopercepção de estresse durante o trabalho obteve média de 5,72 (DP= 3,25), o que pode ser considerado baixo devido ao trabalho exercido pelos militares, pois cotidianamente lidam com a tensão em atender às emergências, além da confrontação direta com a criminalidade quando são expostos a situações de riscos em relação não só à sua própria vida e integridade física, como também a de terceiros.

Segundo Butler (2002, apud FRANÇA; CARNEIRO, 2009), alguns fatores influenciam a percepção do bem-estar no processo da aposentadoria, destacando-se: a) os aspectos financeiros; b) os relacionamentos sociais familiares, conjugais e de amizade; c) o cuidado com a saúde e; d) o desenvolvimento de um senso de propósito para a vida. No que se refere aos aspectos financeiros, 47,1% dos entrevistados apresentaram uma preocupação com a segurança financeira futura. Dentre as possíveis formas de investimentos, salientam-se a aquisição de imóveis (23,5%), o depósito em poupança (19,6%) e 2% em previdência privada e ações, respectivamente. Quando se comparou essa variável por grupos, identificou-se diferença estatística com G1 que apresentou maior preocupação com o investimento em poupança ($p= 0,03$) e em imóveis ($p=0,04$). Por outro lado, foi constatado que 52,9% dos participantes não faziam qualquer tipo de investimento futuro, sendo que o G2 demonstrou menor interesse (72%; $p= 0,01$). Esses resultados demonstram que os PPRs são de suma importância, pois são preparados e planejados de forma bastante detalhada, observando a especificidade dos participantes, relacionando todas as expectativas, questões de saúde, dúvidas, medos, finanças, sonhos, famílias entre outras. Dessa forma, os participantes do programa já começam a planejar, antes de se aposentar, a vida financeira.

A preocupação com a manutenção e incremento dos relacionamentos sociais familiares foi percebida em 88,2% dos participantes, enquanto 54,9% demonstraram o desejo em cultivar novas amizades. A expectativa em melhorar o relacionamento com o parceiro foi manifestada por 62,7% que consideram que a aposentadoria irá proporcionar maior tempo para se estar com o parceiro. Não houve diferença significativa entre os grupos.

Quando investigados sobre o senso de propósito, ou seja, a busca por qualquer atividade que ofereça um sentido para este momento da vida, 96% dos participantes relataram estar buscando novas formas de se sentir úteis. Dentre as principais tarefas relatadas, incluem-se a busca por uma segunda carreira profissional, a realização de alguma atividade voluntária ou de um projeto pessoal. Segundo Tsutsui (2009), o estigma de que o aposentado é inútil na cultura brasileira mexe com os brios do agora policial militar na reserva e ele quer provar que é capaz, retornando assim a uma nova atividade funcional. Os resultados deste estudo corroboram essa análise uma vez que 58% dos participantes pretendiam desempenhar algum outro tipo de serviço.

Quanto à presença de expectativas positivas para o futuro, a maioria demonstrou motivação para o engajamento em atividades de lazer (68,6%); participação em atividades religiosas (49%) enquanto 41,2% pretendiam investir na educação, participando de cursos de atualização. Não foi encontrada diferença estatística entre os grupos, ainda que o G1 apresentasse os mais altos percentis.

A preocupação com eventos negativos na vida pós-aposentadoria foi identificada pela percepção de abandono do trabalho e do grupo de amigos ali formado. Dentre o total dos pesquisados, 16% disseram se sentir tristes por não conviver mais com os colegas de trabalho; 14% afirmaram ter um sentimento de perda e o mesmo percentual sentia-se aborrecido em deixar o trabalho. Esses resultados demonstram o forte vínculo que os profissionais militares estabelecem com a instituição. Como destacado por Barisch (2006), tais relações singularizam ainda mais as vivências profissionais, tanto do ponto de vista do narcisismo, quanto da constituição da esfera dos ideais.

No âmbito pessoal, as expectativas negativas foram expressas pela percepção de que a velhice está chegando (28%); maior presença de prejuízos com a saúde (12%) e a sensação de inutilidade (4%). Não houve diferença estatística entre os grupos estudados, inferindo-se que a percepção frente à aposentadoria pode estar sofrendo alterações e que os indivíduos não se veem como incapazes de produzir. Importante destacar que, apesar de serem expectativas negativas, o percentual encontrado foi baixo. Desse modo, os

dados diferem da literatura que afirma que, na sociedade capitalista, o aposentar-se tende a vir acompanhado por valores negativos, como a inutilidade, a incapacidade para a manutenção do sistema produtivo e o sentir-se velho (COSTA; SOARES, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil sociodemográfico dos militares que se preparam para a aposentadoria foi de homens de meia-idade, casados e com alta escolaridade. É alta a preocupação com a manutenção da saúde, identificada pelas estratégias preventivas, como o engajamento em atividade física e a visita periódica aos profissionais de saúde. A presença de relativa presença de sintomas depressivos pode estar relacionada com as expectativas frente à aposentadoria.

A percepção da necessidade de maior interação com a família e com os amigos demonstra que a família é um local importante de lazer para o aposentado por favorecer o desenvolvimento de seu bem-estar psicológico e social. A constatação de uma reflexão sobre novos projetos de vida segundo os próprios interesses e motivações pode auxiliar a aquisição de novos papéis sociais favorecendo a transição para a nova fase de vida (AZEVEDO; CARVALHO, 2006).

Notou-se também a presença de apreensão quanto ao distanciamento dos colegas de trabalho. França (2002) corrobora esse achado quando afirma que é natural que esse tipo de relacionamento diminua, mas salienta a necessidade de o aposentado buscar resgatar antigas amizades e desenvolver novas participações em grupos sociais para que tenha uma vida com mais qualidade.

A preocupação com a chegada da velhice e, associado a ela, os prejuízos na saúde e o senso de inutilidade revelam a presença de preconceitos e estereótipos sobre essa etapa da vida (FRANÇA, 2002). O avanço tecnológico e médico dos últimos anos vem permitindo que o envelhecimento seja vivenciado de forma saudável, com qualidade de vida. Faz-se importante, nesse sentido, planejar o próprio envelhecimento, refletindo sobre como gostaria de viver nesses anos, a fim de se sentirem úteis e produtivos.

A percepção da necessidade dos grupos preparatórios para a aposentadoria revelou a presença de dúvidas e ansiedade diante desse momento de transição importante que merece atenção tanto no nível pessoal quanto no profissional. No aspecto individual são muitas as mudanças biológicas relativas ao envelhecimento, as novas conjunturas familiares decorrentes, por exemplo, dos filhos saindo de casa, da chegada

dos netos, do reencontro do casal dentro da mesma casa, muitas vezes, sem atividades para fazer. E no âmbito profissional, a necessidade de construção de um novo papel social, decorrente da perda de identidade profissional.

Nesse contexto, a implementação de Programas de Preparação para a Reserva se confirma como uma ferramenta valiosa, proporcionando a troca de experiências, a criação de novos vínculos e a superação de muitos mitos sobre o aposentar-se. Ressalta-se aqui a necessidade do desenvolvimento de programas preparatórios robustos que promovam palestras informativas, discussões em grupos e utilizem de técnicas psicológicas adequadas para promover a reflexão sobre o passado, presente e futuro do profissional que se prepara para a aposentadoria. Para tanto, é fundamental contar com uma equipe interdisciplinar, pois isoladamente nenhum profissional conseguiria atender a todas as demandas trazidas por aqueles que vão se aposentar.

Este trabalho apresentou algumas limitações no que se refere à composição da amostra. A Resolução nº 4308 da Polícia Militar de Minas Gerais só permite a participação nos PPRs dos militares que cumpriram 27 anos de serviço efetivo dentro da própria polícia. Sendo assim, aqueles que tinham algum tempo de serviço em outra instituição não preenchiam os requisitos para a participação no PPR, reduzindo o número de integrantes no programa.

Entende-se que o presente estudo contribui para as pesquisas na área. A possibilidade de conhecer o perfil dos militares em situação de aposentadoria e de suas expectativas frente à adaptação a essa nova fase da vida auxilia este trabalho a contribuir na elaboração de novos programas de preparação que utilizem abordagens multidisciplinares e pautadas na promoção do autoconhecimento dos candidatos à aposentadoria, de modo que possam planejar e gerir suas carreiras.

PSYCHOSOCIAL AND HEALTH PROFILE OF POLICE OFFICERS IN RETIREMENT PROCESS

ABSTRACT

Retirement Preparation Programs (RPPs) are intended to prepare workers and demystify prejudices related to this professional rupture moment. The goal was to profile police officers and meet their expectations about the RPP. 50 officers of both sexes, divided into two groups, participants and non-participants of PPR, answered the semi-structured interview and the screening test for depressive symptoms. Univariate and bivariate analysis were obtained from SPSS software. The interviewee's profile was to be middle-aged man (A= 48.20; SD= 2,33years old), married, with high school completion and 28.20 years of

service (SD=1.03). The majority showed good health, with 52% doing some kind of physical activity. Chronic disease was found in 10%, the most prevalent was hypertension (32%). Diabetes mellitus was significantly more common in non-participants ($p= 0.037$). Doctor consultations and preventive tests were reported by almost 70%. Among the positive expectations were identified more availability for partner and friends and more interest in leisure activities. Investment in education and religion was reported by 41.2% and 49%, respectively. Negative events were related to sadness in leaving friends from work (16%) and leaving the institution (20% of the sample). On a personal level, there is a concern about the old age proximity (28%) and a sense of worthlessness. As promoters of increase knowledge, the RPPs were assessed positively (96%) and should be encouraged as a reflection tool for those who are preparing for retirement.

Keywords: Retirement Preparation Programmes. Militar Policeman. Psychosocial Profile.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R.P.; CARVALHO, A.M.A. O lugar da família na rede social do lazer após a aposentadoria. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.16, n.3, 2006.

BARISCH, E.J.A. **Preparação para a reserva: necessidade estratégica para a Aeronáutica**. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade da Força Aérea, Mestrado em Ciências Aeroespaciais, Rio de Janeiro, 2006.

BOTH, T.L.; KUJAWA, D.R.; WOBETO, M.I.; SAVARIS, V. Consideração sobre o idoso aposentado: uma intervenção da Terapia Cognitivo-Comportamental como instrumento de preparação à aposentadoria. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 9, supl.1, p.90-101, 2012.

BRASIL. Política Nacional do Idoso. Lei nº8.842, de 11 Setembro de 1994. Diário Oficial da união 12 set 1994. Disponível em <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/dh/volume%20i/idosolei8842.htm>> Acesso em: 12 abr. 2015.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Lei nº10.741, 08 de set 2003. Diário Oficial da União 09 set 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm> Acesso em: 12 abr. 2015.

COSTA, A. B.; SOARES, D. H. P. Orientação psicológica para a aposentadoria. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 97-108, 2009.

DUARTE, C.V.; MELO-SILVA, L.L. Expectativas diante da aposentadoria: um estudo de acompanhamento em momento de transição. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 10 (1), 45-54, 2009.

FRANÇA, Lucia H.F.P.; CARNEIRO, Verônica L. **Programas de preparação para a aposentadoria: um estudo com trabalhadores mais velhos em Resende (RJ)**. 2009. Disponível em: <http://www.crde-unati.uerj.br/img_tse/v12n3/pdf/art_10.pdf> Acesso em: 12 abr. 2015.

FRANÇA, L.H.F.P.; MENEZES, G.S.; BENDASSOLLI, P.F.; MACEDO, L.S.S. Aposentarse ou continuar trabalhando? O que influencia essa decisão? **Psicologia: Ciência e profissão**, 33 (3), 548-563, 2013.

FRANÇA, L. **Repensando a aposentadoria com qualidade**: um manual para facilitadores de programas de educação para a aposentadoria em comunidades. CRDE UnATI UERJ, 2002.

GARCÍA, A.J.M.; RUIZ, E.J.G.F. **La preparación para la jubilación**: revisión de los factores psicológicos y sociales que inciden en un mejor ajuste emocional al final del desempeño laboral. *Anales de Psicología*, 16(1), 87-99, 2000.

GILBODY, S.; RICHARDS, D.; BREALEY, S.; HEWITT, C. Screening for Depression in Medical Settings with the Patient Health Questionnaire (PHQ): A Diagnostic Meta-Analysis. **Journal of General Internal Medicine**; 2:1596-1602, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatística/populacao/condicaoadevida/indicadoresminimos/sintese_indicadores2010/SIS_2010.pdf> Acesso em: 12 abr. 2015.

LOPES, M. **Aposentadoria**: PPA-Programa de Preparação para Aposentadoria cultive esta semente! V Mostra de produções científicas, Universidade Católica de Goiás. 2010. Disponível em: <http://www.cpgls.ucg.br/home/secao.asp?id_secao=3147> Acesso em: 12 abr. 2015.

MENESES-GAYA, C. Estudo de validação de instrumentos de rastreamento para transtornos depressivos, abuso e dependência de álcool e tabaco. 2011. 181f. Tese (Doutorado em Saúde Mental) - Universidade Federal de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

MUNIZ, José Arthur. **PPA**: Programa de Preparação para o Amanhã. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Estudos de Psicologia* 2(1), 198-204, 1996.

OLIVEIRA, C.; TORRES, A.R.R.; ALBUQUERQUE, E.S. **Análise do bem estar psicossocial de aposentados de Goiânia**. *Psicologia em Estudo*, 14, 749-757, 2009.

RESOLUÇÃO DA POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS Nº 4308. Belo Horizonte: Polícia Militar de Minas Gerais, 2014.

RODRIGUES, M.; AYABE, N.H.; LUNARDELLI, M.C.F.; CANÊO, L.C. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6 (1), p. 53-62, 2005.

SILVA, Glória Maria. **PPA - Preparação Para a Aposentadoria**. 2009. Disponível em: <<http://webartigos.com/artigos/preparacao-para-aposentadoria/20611/>> Acesso em 12 abr. 2015.

TIBULO, C., CARLI, V., DULLIUS, A.I.S. Evolução populacional do Brasil: uma visão demográfica. **Scientia Plena**, v.8 (4), p. 1-10, 2012.

TSUTSUI, MÁRIO. **Qualidade de vida e preparação do Policial Militar para reserva remunerada**. Universidade Estadual de Maringá. 2009

WANG,M.;HENKENS,K.;VAN SOLINGE,H. Retirement adjustment: A review of theoretical and empirical advancements. **American Psychologist**,66(3),204-213, 2011.

ZANELLI, J.C.; SILVA, N. **Programa de preparação para aposentadoria**. Florianópolis: Insular, 1996.

AGRADECIMENTO

As autoras agradecem o apoio da 4^o Região da Polícia Militar (Comandante José Geraldo de Lima e Major Andréia Cury).